



**SERHIJ
ZHADAN**

**A ESTRADA
DO DONBAS**

ELSINORE

PRIMEIRA PARTE

Os telefones existem para transmitir vários tipos de informações desagradáveis. Ao telefone, as vozes ressoam frias e têm um tom oficial, e é bastante mais fácil transmitir más notícias tendo-se uma voz oficial. Sei bem do que falo. Toda a vida me debati com telefones, embora sem muito sucesso. Por todo o mundo, as telefonistas continuam a monitorizar as conversas, a anotar as palavras e as expressões mais importantes em cartões. E nos quartos de hotel encontramos livros de salmos e listas telefónicas: tudo o que é preciso para não perder a fé.

Dormi vestido. Com calças de ganga e uma *T-shirt* alargada. Quando acordei, pus-me a andar pelo quarto, descalço, a revolver garrafas vazias de limonada, copos, latas, cinzeiros, pratos cheios de molho, sapatos, e, com os pés nus, esmagava violentamente maçãs, pistachos e tâmaras gordas que mais pareciam baratas. Quando se arrenda um apartamento e se vive no meio dos móveis de outras pessoas, aprende-se a tratar as coisas com cuidado. Eu amontoava todo o tipo de lixo em casa, como um traficante do mercado negro, escondia discos de vinil e tacos de hóquei debaixo do sofá, roupas femininas deixadas por alguém, e até enormes sinais de trânsito em ferro, encontrados alhares. Não podia

deitar nada fora, pois já não sabia o que é que daquilo era meu, nem o que é que ali pertencia a outra pessoa. Mas lembro-me de que, desde o primeiro dia em que aqui cheguei, o telefone jazia ali, no chão, no meio da sala, provocando aversão ora com o seu som, ora com o seu silêncio. Quando me fui deitar, tapei-o com uma grande caixa de papelão. Planeava levar a caixa para a varanda logo de manhã. E, assim, ali estava o aparelho diabólico, no meio da sala, preparado para anunciar, com o seu ruído intrusivo, que alguém precisava de mim.

E eis que alguém me ligou. Numa quinta-feira, às cinco da manhã. Sai de debaixo do cobertor, removi a caixa de papelão, peguei no telefone e fui para a varanda. O pátio estava vazio e silencioso. Um segurança saiu pela porta lateral do banco, fazendo uma pausa matinal para fumar. Quando se recebe uma chamada às cinco da manhã, não se esperam boas notícias. Abafando a irritação, peguei no auscultador. E foi assim que tudo começou.

— Amigalhaço! — Reconheci logo a voz do Kotcha. Tinha uma fala esfumada, como se, em vez de pulmões, tivesse altifalantes velhos e queimados. — Amigo Hera, estás acordado? — Os altifalantes dele ciciavam e cuspiam consoantes. Cinco da manhã, quinta-feira. — Estou? Hera!

— Estou — disse eu.

— Amigo — acrescentou o Kotcha, num tom mais baixo. — Hera.

— Kotcha, são cinco da manhã! O que é que tu queres?

— Hera, escuta. — Naquele momento, a voz dele ganhou um tom de assobio ingénuo. — Eu não te queria acordar, mas isto está para aqui uma alhada. Não preguei olho em toda a noite, entendes? Ontem, o teu irmão telefonou.

— E então?

— E então, ele foi-se embora, Herman. — A ansiedade fazia a respiração do Kotcha ajeitar.

— Foi para longe? — Era difícil acompanharmos os cambiantes da voz dele.

— Sim, Herman — disse o Kotcha. E quando começou uma nova frase, a voz vacilou-lhe. — Foi para Berlim, ou para Amesterdão, não entendi bem.

— Talvez tenha ido por Berlim para Amesterdão?

— Talvez, Hera, talvez seja isso — rouquejou o Kotcha.

— E quando é que vai voltar? — Consegui manter a calma. Pensei que aquilo era apenas uma espécie de cumprimento do dever, ou seja, que ele apenas se estava a limitar a relatar notícias da família.

— Pelos vistos, nunca — ressoaram novamente os altifalantes.

— Quando?

— Nunca, Hera, nunca. Partiu de vez. Ontem, ligou-me e pediu-me que to dissesse.

— Como assim, de vez? — Não compreendi. — Aconteceu alguma coisa por aí?

— Não, meu amigo, está tudo normal. — Dos pulmões do Kotcha irromperam notas altas. — Tudo normal. Só que o teu irmão largou tudo nas minhas costas, entendes?! E eu, Hera, já sou velho, sozinho não dou conta disto.

— Largou tudo, como? — Eu não podia entender. — O que é que ele disse?

— Disse que estava em Amesterdão, pediu para te telefonar. Disse que não voltava mais.

— Então e a bomba de gasolina?

— A bomba de gasolina, Hera, está por minha conta. Só cá estou eu. — A chiadeira do Kotcha assumiu de novo um tom ingénuo. — E eu sozinho não dou conta disto. Estou com problemas de sono. Vês? São cinco da manhã e eu aqui sem dormir.

— E ele foi-se embora há muito tempo? — interrompi.

— Já lá vai uma semana — relatou o Kotcha. — Pensava que tu sabias. Isto está para aqui uma alhada.

— E porque é que ele não me disse nada?

— Não sei, Hera, não sei, amigalhaço. Ele não disse nada a ninguém, agarrou simplesmente nas coisas e pôs-se a andar. Se calhar, não queria que ninguém soubesse.

— Não soubesse o quê?

— Não soubesse o que ele andava a tramar — explicou o Kotcha.

— E o que é que ele andava a tramar?

— Bem, isso não sei, Hera. — O Kotcha distorceu a voz: — Isso não sei.

— Kotcha, o que é que aconteceu aí?

— Ora, Hera, tu conheces-me — sibilou o Kotcha. — Eu não me meto nos negócios dele. Ele não me dava satisfações. Simplesmente, agarrou e pôs-se a andar. E eu, amigalhaço, eu sozinho não dou conta disto. E que tal se tu viesses para cá e descobrisses por ti mesmo, hã?

— O que é que há para descobrir?

— Bem, não sei, pode ser que ele te tenha dito alguma coisa.

— Kotcha, eu já não o vejo há uns seis meses.

— Bem, eu não sei — disse o Kotcha, completamente desnor-teado. — Hera, amigalhaço, anda lá, porque eu estou cá sozinho, assim não dá, tens de me entender, a sério.

— Kotcha, para que é que estás aí a enrolar? — acabei eu por perguntar. — Conta lá como deve ser, o que é que aconteceu aí?

— Está tudo normal, Hera — disse o Kotcha, a tossir. — Tudo dentro da normalidade. Pronto, eu já te disse, agora tu é que vês. Tenho de ir, tenho clientes. Então vá, amigalhaço, vá lá. — E o Kotcha desligou.

Tem clientes, pensei eu, às cinco da manhã...

*

Nós tínhamos dois quartos arrendados num antigo prédio comunitário que tinha sido despejado, mesmo no centro da cidade, num bairro tranquilo cercado de tílias. O Lyolik ocupava um quarto de passagem, mesmo ao pé do corredor, e eu vivia noutro, mais adiante, com varanda. Os outros quartos comunais estavam trancados e ninguém sabia o que havia por lá escondido atrás das portas. Os quartos foram-nos arrendados por um inexorável velho aposentado, um antigo transportador de valores, Fedir Mykhailovych. Eu chamava-o de Dostoievski. Nos anos noventa, ele e a mulher decidiram emigrar, então Fedir Mykhailovych tratou de arranjar os devidos documentos. Mas assim que recebeu os documentos novos, mudou de ideias quanto a ir para algum lado, acabando por decidir que aquela era a melhor altura para começar uma vida nova. Por isso, a sua mulher emigrou sozinha e ele ficou em Kharkiv, supostamente, para guardar o apartamento. Sentindo o gosto da liberdade, Fedir Mykhailovych arrendou-nos os quartos, enquanto ele próprio se escondia algures, num qualquer apartamento conspirativo. A cozinha, os corredores e até a casa de banho deste apartamento meio em ruínas estavam abarrotados de mobília que datava da pré-guerra, de livros desgastados e de pilhas de revistas *Ogonyok* antigas. Nas mesas e nas cadeiras, ou simplesmente pelo chão, havia pratos empilhados e trapos coloridos que Fedir Mykhailovych tratava com esmero, não permitindo que ninguém os deitasse fora. Nós não deitávamos nada fora, e assim, ao lixo alheio juntava-se também o nosso. Os armários, as prateleiras e as gavetas da mesa da cozinha estavam forrados de garrafas e potes escuros, dentro dos quais reluziam óleo, mel, vinagre e vinho tinto, e de que nos servíamos para apagar as beatas. Nozes e moedas de cobre, caricas de cerveja e botões de sobretudos militares rolavam pela mesa, e as velhas gravatas de Fedir Mykhailovych decoravam o lustre, ali penduradas. Era com compreensão que encarávamos

o nosso anfitrião e os seus tesouros de pirata, as suas estatuetas de Lenine em porcelana, os garfos pesados de prata falsa e as cortinas empoeiradas, através das quais o sol amarelo irrompia pela sala, como manteiga, e a poeira se dispersava pelo ar, em remoinhos. À noite, sentados na cozinha, líamos as inscrições nas paredes feitas por Fedir Mykhailovych, alguns números de telefone, endereços, mapas de percursos de autocarro desenhados a lápis de grafite diretamente no papel de parede, olhávamos para os recortes dos calendários e para os retratos de familiares desconhecidos que ele prendera à parede com pioneses. Os familiares pareciam austeros e solenes, em contraste com o próprio Fedir Mykhailovych, que, de tempos a tempos, voltava ao apartamento e punha-se a vaguear por este nosso ninho aconchegante com umas sandálias que faziam um barulho irritante e com o seu boné piroso. Recolhia garrafas vazias e, depois de ter recebido a renda do mês em dinheiro, desaparecia no pátio, por entre as tílias. Era maio, o tempo estava quente, o pátio cobrira-se de relva. Por vezes, na rua, à noite, apareciam casais que, cautelosamente, no banco do jardim coberto de tapetes velhos, faziam amor. Às vezes, ao amanhecer, os guardas da agência bancária também iam até ali e sentavam-se no banco de jardim, a dar travos em charros intermináveis, longos como as alvoradas de maio. No decurso do dia, vários cães vadios passavam pelo pátio numa correria e, antes de seguirem caminho pelas ruas da cidade, farejavam todos os vestígios de amor deixados à noite no banco de jardim. O Sol nascia mesmo por cima do nosso prédio.

*

Quando entrei na cozinha, o Lyolik já andava por ali a rondar o frigorífico, vestido de fato: casaco escuro, gravata cinzenta, e com umas calças tão largas que pendiam dele como uma bandeira em

tempo calmo. Abri o frigorífico e examinei cuidadosamente as prateleiras vazias.

— Olá. — Caí na cadeira e o Lyolik, descontente, sentou-se à minha frente, sem largar o pacote de leite. — Surgiu uma situação, vamos até à casa do meu irmão.

— Para quê? — perguntou, sem perceber o que se passava

— Vamos e pronto. Só quero ir lá dar uma vista de olhos.

— O que é que aconteceu com o teu irmão? Houve algum problema?

— Não, está tudo bem. Ele está em Amesterdão.

— E então queres ir ter com ele a Amesterdão?

— Não, não. A Amesterdão não. Quero ir a casa dele. Vamos lá este fim de semana?

— Não sei... — hesitou o Lyolik. — No fim de semana, eu ia levar o carro à oficina.

— Então está feito! O meu irmão tem lá uma oficina. Vamos lá.

— Quer dizer, não sei — respondeu o Lyolik, relutante. — É melhor falares com ele pelo telefone. — E, depois de beber tudo do pacote, acrescentou: — Vamos embora. Já estamos atrasados.

*

Liguei várias vezes ao meu irmão durante o dia. Apenas ouvi longos bips. Ninguém atendeu. À tarde, liguei para o Kotcha. Também sem resultado. *É estranho*, pensei. *Talvez o meu irmão simplesmente não possa atender o telefone, por causa do roaming*. Mas o Kotcha devia estar no local de trabalho. Voltei a ligar, novamente sem resultado. À noite, liguei para os meus pais. Atendeu a minha mãe. «Olá», disse eu. «O meu irmão não te ligou?» Ela respondeu: «Não, porquê?» «Por nada», disse eu. E comecei a falar sobre outra coisa.

*

Na manhã seguinte, no escritório, fui ter outra vez com o Lyolik.

— Lyolik! — disse eu. — Então? Vamos?

— Oh, pá! — queixou-se. — O que é que tu queres? O carro está velho, ainda se parte todo pelo caminho.

— Lyolik! — insisti. — O meu irmão faz-te uma reparação cinco estrelas e põe-te o carro num brinco. Ajuda-me lá, para que eu não tenha de ir de eléctrico.

— Bem, não sei. E o trabalho?

— Amanhã, estamos de folga, não sejas assim.

— Não sei — repetiu. — Tenho de falar com o Boris primeiro, e se ele não disser nada...

— Anda, então. Vamos falar com ele — disse-lhe eu, e arrastei-o para o gabinete do lado.

O Borya e o Lyosha, ou, como eu costumava chamar-lhes, o Bolik e o Lyolik, eram primos. Conhecia-os desde a universidade. Juntos, acabámos o curso de História. Eles não eram nada parecidos, o Borya tinha um ar cuidado, era magro e andava sempre bem vestido, bem barbeado e com o cabelo bem aparado, usava lentes de contacto e até, pelo que diziam, fazia manicure. O Lyosha, por outro lado, tinha um ar abatido e era um pouco lento. Usava roupas de escritório baratas, raramente cortava o cabelo ou fazia a barba, e, como não tinha dinheiro para comprar lentes de contacto, usava uns pesados óculos com armação de metal. O Borya tinha ar de trapaceiro, o Lyosha tinha um ar honesto e confiável. O Borya era meio ano mais velho, daí que se sentisse responsável pelo primo, como uma espécie de complexo de irmão mais velho. Vinha de boas famílias, o pai trabalhara no *Komsomol*, depois fizera carreira num partido qualquer, foi chefe da administração distrital, juntou-se à oposição e, há uns anos, ocupou um cargo no gabinete do governador. O Lyosha, por sua vez, vinha de uma família humilde, a mãe trabalhava como professora e o pai morava algures na Rússia, desde os anos oitenta.

Ele e a mãe moravam nos arredores de Kharkiv, numa cidadezinha pequena, ou seja, Lyolik era o parente pobre, e, ao que parecia, era por causa disso que todos gostavam dele. Depois da universidade, o Borya encaixou-se imediatamente nos negócios do pai, enquanto o Lyolik e eu nos tentávamos orientar por nossa conta. Trabalhámos numa agência de publicidade, num jornal de classificados gratuito, na assessoria de imprensa do congresso dos nacionalistas e até no escritório de numa casa de apostas, a qual fechou logo no seu segundo mês de existência. Há alguns anos, o Borya, preocupado com o nosso sustento e perante a lembrança dos nossos tempos de jovens estudantes despreocupados, convidou-nos para trabalhar com ele na administração. O pai registou várias organizações juvenis sob a sua supervisão, através das quais foram transferidos diferentes subsídios e, desse modo, eram lavadas pequenas, mas regulares, quantias de dinheiro. Então, trabalhávamos juntos. O nosso trabalho era estranho e imprevisível: ora editávamos os discursos de alguém, ora conduzíamos seminários para jovens líderes e formação para observadores eleitorais, elaborávamos programas políticos para novos partidos, cortávamos lenha na casa de campo do pai do Bolik, participávamos em *talk shows* na televisão, para defender as escolhas democráticas, e lavávamos, lavávamos, lavávamos os saques que nos passavam pelas contas. O meu cartão de visita dizia «especialista independente». Com um ano naquele trabalho, comprei um computador modificado, o Lyolik comprou um *Volkswagen* todo amolgado e, juntos, pagávamos a renda do apartamento. O Borya vinha visitar-nos com frequência, sentava-se no meu quarto, no chão, pegava no telefone e punha-se a ligar para prostitutas. Resumidamente, o Bolik tinha um espírito corporativo normal. O Lyolik não gostava do primo e, ao que parece, também não gostava de mim. Mas ele e eu morávamos em quartos vizinhos há tantos anos que o nosso relacionamento já tinha

atingido um certo patamar, e até um certo nível de confiança. Eu pedia-lhe regularmente roupas emprestadas e ele pedia-me dinheiro emprestado. A diferença é que lhe devolvia sempre as roupas. Nos últimos meses, ele e o primo estiveram ocupados com uma coisa nova qualquer, um negócio de família no qual não entrei porque havia dinheiro do partido envolvido e ninguém sabia no que é que aquilo iria dar. Guardei as minhas economias, um maço de notas, longe deles, na estante, entre as páginas de Hegel. No geral, confiava neles, embora entendesse que estava na altura de procurar um emprego normal.

*

O Borya estava no gabinete a trabalhar em alguns documentos. Na mesa à sua frente, havia pastas com os resultados de umas quaisquer pesquisas sociológicas. Ao ver-nos, abriu o *site* da administração regional no monitor.

— Ora, ora! Vocês por aqui? — disse ele vigorosamente, como é típico de um chefe. — E então? — perguntou. — Como é que isso vai?

— Borya — comecei —, nós queremos ir até à casa do meu irmão. Tu conhece-lo, certo?

— Conheço — respondeu o Bolik, e começou a examinar cuidadosamente as unhas.

— Não temos nada amanhã, pois não?

O Bolik pôs-se a pensar, voltou a olhar para as unhas e, bruscamente, pôs as mãos atrás das costas.

— Amanhã, é dia de folga — respondeu.

— Então, embora! — disse eu ao Lyosha, e virei-me para a porta.

— Esperem! — travou-me o Bolik de repente. — Eu também vou com vocês.

— A sério? — questioneei, incrédulo.

Eu não queria levá-lo comigo e, pelo que percebi, o Lyolik também não queria que ele fosse. Chegou mesmo a ficar tenso.

— Sim — confirmou o Bolik. — Vamos todos juntos. Vocês não se importam, pois não?

O Lyolik ficou em silêncio, contrariado.

— Borya — perguntei-lhe —, mas porque é que tu queres ir?

— Porque sim — respondeu o Bolik. — Eu não vos vou incomodar.

Dava para perceber que o Lyolik ficava incomodado pela obrigação de ir onde quer que fosse com o primo, uma vez que este o controlava afincadamente e não o queria largar nem por um só segundo.

— Mas olha que nós vamos bastante cedo — disse eu, a tentar demovê-lo. — Aí pelas cinco.

— Pelas cinco? — retorquiu o Lyolik.

— Pelas cinco será! — exclamou o Bolik.

— Pelas cinco, então — repeti, e dirigi-me à porta.

Enfim, eles que se entendam, pensei.

*

À tarde, voltei a ligar para o Kotcha. Ninguém respondeu. *Talvez tenha morrido*, pensei. E naquele pensamento residia alguma esperança.

*

À noite, eu e o Lyolik sentámo-nos em casa, na cozinha.

— Olha — começou ele, de repente —, se calhar não devíamos ir. E se ligasses outra vez para lá?

Eu respondi com firmeza:

— Lyosha, vamos apenas por um dia. Estamos em casa no domingo. Não te apoquentes.

O Lyolik só respondeu:

— Isso digo-te eu a ti.

E eu simplesmente concordei:

— Está bem.

Mas o que é que havia ali de bom? Eu tinha 33 anos. Vivia feliz e sozinho há muito tempo, raramente via os meus pais, mantinha uma relação normal com o meu irmão. Tinha habilitações que não serviam para nada. Trabalhava nem sei bem dizer em quê. Tinha dinheiro suficiente para exatamente tudo aquilo a que estava habituado. Era tarde de mais para que novos hábitos surgissem. Contentava-me com o que tinha. Se alguma coisa não me agradava, punha-a simplesmente de parte. O meu irmão desapareceu há uma semana. Desapareceu sem avisar. Na minha opinião, a vida era um sucesso.

*

O estacionamento estava completamente vazio, o que nos dava um ar suspeito. O Borya estava atrasado. Propus que nos fôssemos embora, mas o Lyolik resistiu e foi ao supermercado buscar um café à máquina, e ainda travou conhecimento com os seguranças que ali moravam, sob o grande supermercado iluminado. As vitrinas ficaram amareladas com o ar da manhã. O supermercado parecia um navio de cruzeiro encalhado. De vez em quando, viam-se matilhas de cães a correr pelo estacionamento, ora farejando com ceticismo o asfalto molhado, ora erguendo a cabeça para o sol matinal. O Lyolik esticou-se no banco do condutor, fumou cigarro atrás de cigarro, até que pegou impacientemente no telemóvel e ligou ao primo. Ultimamente, falavam ao telefone com alguma frequência, falavam não é bem o termo, porque só

resmungavam e discutiam a toda a hora, como se não confiassem um no outro. O Lyolik foi mais uma vez até à máquina do café, e ao correr, quando voltava, entornou o café todo no fato, enxugou diligentemente as manchas com guardanapos húmidos e pôs-se a insultar o primo por este não ser pontual. Com o Lyolik, era sempre assim: transpirava no verão e congelava no inverno, sentia-se inseguro ao volante, aliás, sentia-se inseguro na própria roupa que vestia. O primo tanto o chateou que o arrastou para um esquema duvidoso. Aconselhei-o a não se meter naquilo, mas o Lyolik não me quis ouvir, a oportunidade de ganhar dinheiro fácil levou-o a uma espécie de estado de entorpecimento. Fiquei de fora, a observar com indulgência todas aquelas manipulações financeiras, contente por não ter deixado que me envolvessem em empreendimentos suspeitos. Também desci para tomar café, conversei com os seguranças e dei algumas batatas fritas aos cães. Tínhamos de ir. Mas o Lyolik não podia ir sem o primo.

*

Ele apareceu a correr, vindo da esquina, a olhar desesperadamente à sua volta e a tentar afastar os cães. Foi então que o Lyolik buzinou, o Borya viu-nos e correu para o carro. Os cães correram atrás dele, com as caudas esfarrapadas entre as pernas. Ele abriu a porta de trás e saltou para dentro do carro. Estava a usar o fato com uma camisa verde amarrotada.

- Borya — disse o Lyolik —, que merda é esta?
- Porra, Lyosha — respondeu o Bolik —, não me digas nada! O Bolik cumprimentou-me e tirou vários CD do bolso do casaco.
- O que é isto? — perguntei.
- É música que estive a gravar para nós — explicou o Bolik.
- Para ouvirmos no caminho.
- Bem, eu tenho o meu próprio leitor — respondi.

— Não faz mal. Nesse caso, ouvimos só eu e o Lyosha.

O Lyosha ficou pasmado ao ouvir aquela resposta.

— Lyolik — disse eu a rir —, então afinal é o teu primo que escolhe a música que ouves?

— Ele não escolhe nada! — respondeu o Lyolik, ofendido.

— E que música é? — perguntei, por curiosidade.

— Parker.

— Só?

— Sim. Dez discos de Parker. Não encontrei mais nada de jeito — explicou o Bolik.

— Parvalhão — resmungou o Lyolik, e fomo-nos embora.

*

A música fazia o *Volkswagen* estremecer como uma lata de conserva na qual alguém batia com um pau de madeira. O Borya ia sentado atrás, deu folga ao nó da gravata e olhava atentamente para aquela zona de dormitórios. Passámos a fábrica de tratores, passámos o mercadito e, finalmente, saímos do bairro, rompendo estrada fora.

Depois de deixar a cidade, seguimos em direção a sudeste. Havia polícias de trânsito no posto de controlo. Um deles olhou preguiçosamente na nossa direção, mas, como não viu nada de interessante, tornou a virar as costas. Tentei olhar para nós através dos olhos dele: «Um *Volkswagen* preto comprado em segunda mão, fatos de série por atacado, sapatos da coleção do ano passado, relógios de promoção, isqueiros dados de presente pelos colegas, óculos de sol de supermercado: coisas confiáveis, baratas, não demasiado usadas, não demasiado chamativas, enfim, nada de supérfluo, nada de especial. Nem sequer uma multa dá vontade de passar.»

*

Ao longo da estrada, de um lado e do outro, estendiam-se colinas verdes, maio fora um mês quente e ventoso. Os pássaros voavam de um campo para o outro, mergulhando nas correntes de ar em bandos barulhentos. À frente, no horizonte, por cima dos prédios altos e brancos, o Sol vermelho brilhava como uma bola de basquete em brasa.

— É preciso pôr gasolina — disse o Lyolik.

— Estamos quase a chegar a uma bomba de gasolina — respondi.

— E temos de beber qualquer coisa — acrescentou o Bolik.

— Anticongelante de radiador — propôs-lhe o primo.

Quando chegámos à bomba de gasolina, enquanto o Lyolik abastecia, o Borya e eu entrámos na loja, para beber café. Vimos cá para fora, havia várias mesas de plástico. Atrás da cerca de arame, havia um milheiral. A vegetação de maio, pegajosa e resplandecente, saltava à vista, corroía a retina. Várias carrinhas enchiam o estacionamento, os motoristas, com certeza, tinham adormecido. O Borya foi até à mesinha do canto, pegou numa cadeira de plástico, enxugou-a com um guardanapo e sentou-se com cuidado. Eu também me sentei. Logo a seguir, o Lyolik veio ter connosco.

— Pronto — disse ele —, podemos ir. Ainda falta muito?

— Para aí uns duzentos quilómetros. Daqui a umas duas horas, estamos lá.

— O que é que estás a ouvir? — perguntou o Lyolik, apontando para o leitor de música que eu tinha posto em cima da mesa.

— Um bocado de tudo — respondi-lhe. — Porque é que não compras um destes para ti?

— Tenho o leitor do carro, e chega.

— Pois, é por isso que só ouves o que o teu primo grava.

– Eu gravo-lhe música normal – reclamou o Bolik.

– Eu oiço rádio – acrescentou o Lyosha.

– Se eu fosse a ti, não confiava no bom gosto musical dele – disse eu ao Lyolik. – Tens de ouvir a música de que tu gostas.

– Pronto, Herman, já chega – interveio o Bolik. – É preciso confiarmos um no outro, não é, Lyosha?

– Hum-hum! – respondeu o Lyolik, com insegurança.

– Está bem – disse eu –, para mim tanto faz. Oiçam o que quiserem.

– Tu, Herman, és um desconfiado – continuou o Bolik. – Não confias nos teus parceiros. Não pode ser. Mas, pronto, de uma maneira ou de outra, podes sempre contar connosco. Afinal, para onde é que vamos?

– Para casa – respondi. – Acreditem em mim.

Era melhor que chegássemos cedo, pensei. Além do mais, não sabíamos quanto tempo nos iríamos demorar por lá.

*

O Borya deu-me os discos de Parker. Obedientemente, pu-los a tocar um a seguir ao outro. Parker rasgava o vento com guitarra, enquanto o saxofone explodia como uma arma química, destruindo as tropas inimigas. Parker soprava chamas douradas de uma raiva imparcial, enquanto os seus dedos negros se cravavam nas feridas dolorosas do vento, como se dali retirasse moedas de bronze e frutos secos. Depois de ouvirmos os CD todos, atirei-os para a minha mochila de couro esfarrapada. Dali a uma hora, entrámos na cidade seguinte, passámos pelo centro, metemo-nos por uma ponte e deparámo-nos com um amontoado automobilístico.

Estava um camião parado no meio da ponte, bloqueando totalmente o trânsito em ambos os sentidos. Os carros entravam

na ponte e caíam numa armadilha habilmente preparada: era impossível avançar ou retroceder. Os motoristas buzinaavam, os que estavam mais perto do acidente saíram dos carros para ver o que se estava a passar ali. Era um velho camião de transporte, coberto de penas e de folhas, e carregado até cima com gaiolas de pássaros. Havia centenas de gaiolas, nas quais pássaros grandes e desajeitados se amontoavam, a bater as asas e os bicos. Ao que parecia, o motorista chocou no separador de ferro que dividia a estrada da passagem pedonal. O camião aviário deu meia-volta e barricou toda a passagem. As gaiolas superiores estavam espalhadas pelo asfalto, e agora os galináceos, admirados, rondavam o camião, saltavam para os capôs dos carros, ficavam suspensos nos gradeamentos da ponte e chocavam ovos debaixo das rodas do camião. O motorista do transporte aviário fugira imediatamente do local do acidente. E o pior é que tinha levado as chaves. Dois agentes da polícia cirandavam à volta do camião, sem saber o que fazer. Afugentavam as galinhas, irados, e iam pedindo às testemunhas que, pelo menos, lhes dessem alguma pista sobre o paradeiro do motorista. Os testemunhos divergiam. Uns afirmavam que tinha saltado da ponte, para a água, outros diziam que o tinham visto a entrar noutra camião, e ainda havia relatos de que o camião estava a andar sem motorista. Os agentes erguiam as mãos em desespero e tentavam comunicar por rádio com a esquadra.

— Bem, isto vai demorar! — disse o Lyosha, depois de conversar com os sargentos e voltar para o carro. — Eles querem arranjar um reboque, só que é fim de semana e, portanto, uma ova é que o vão arranjar.

Atrás de nós, a fila de carros ia aumentando.

— Não conseguimos dar a volta? — propus.

— Como? — respondeu o Lyosha, contrariado. — Agora não saímos daqui. Devíamos era ter ficado em casa.

De repente, uma galinha pesada e gorda saltou para o capô. Deu alguns passos cautelosos e congelou momentaneamente.

— É um arauto da morte — disse o Bolik, referindo-se ao pássaro. — Haverá por aqui alguma loja com frigorífico?

— Queres comprar um frigorífico, é? — perguntou-lhe o primo.

— Quero água fresca — explicou o Bolik.

O Lyosha deu uma buzina, o pássaro bateu as asas, assustado, voou por cima da grade e desapareceu no esquecimento. Talvez seja mesmo assim que eles devam ser ensinados a voar.

— Pronto! — Eu não aguentei. — Voltem para trás, que eu vou sozinho.

— Vais sozinho para onde? — O Lyolik não entendeu. — Senta-te. O reboque já vai tirar aquilo dali, damos meia-volta e vamos para casa.

— Pois, vão vocês. Eu vou a pé. Hei de lá chegar, de uma maneira ou de outra.

— Espera! — disse o Lyolik, preocupado. — Não vais chegar a lado nenhum.

— Vou — respondi. — Volto amanhã. Conduzam com cuidado.

Os agentes perderam as estribeiras. Um deles pegou numa galinha e, segurando nela pela pata, deu-lhe uma chapada com a mão direita. A galinha voou como uma bola de futebol, passou por cima de vários carros e desapareceu sob as rodas. Também o seu parceiro agarrou num dos pássaros com raiva, mandou-o ao ar e acertou-lhe arduamente com a direita, plantando-o no céu de maio. Galguei o separador, contornei o camião das aves, passei por entre os motoristas, atravessei a ponte e segui pela estrada matutina.

*

Depois disso, fiquei durante muito tempo sob o céu quente, parado à beira de uma estrada vazia que lembrava o metro à noite. Os minutos passados aqui pareciam incrivelmente longos. Atrás do cruzamento, à saída da cidade, havia uma paragem de autocarros minuciosamente mutilada por viajantes desconhecidos. As paredes estavam pintadas com padrões pretos e vermelhos, o chão de terra batida, densamente coberto de vidros partidos, e a erva escura crescia pela alvenaria acima, onde se escondiam lagartos e aranhas. Não me atrevi a entrar, fiquei ali, na sombra da parede, e esperei. A espera parecia interminável. Camiões fortuitos seguiam para norte, deixando para trás poeira e desespero, e não se via viva alma no sentido inverso. A sombra ia-se escapando, gradualmente, debaixo dos meus pés. Já estava a pensar no regresso, a calcular quanto tempo levaria a voltar e onde poderiam estar agora os meus amigos, quando, de repente, vindo algures de um lado, da orela de juncos e várzeas, soprando ofegante pelo tubo de escape, apareceu na estrada um autocarro *Ikarus* cor de sangue. Oscilante, em cima das suas rodas, como um cão a sacudir-se depois do banho, com pouco fôlego, fez marcha-atrás e rastejou na minha direção. Congelei de surpresa, de tão inesperada que foi a aparição daquele veículo volumoso coberto de pó, manchado de sangue e de óleo. O autocarro aproximou-se lentamente da paragem e, a ranger por toda a parte, finalmente, parou. A porta abriu-se. No habitáculo, pairava um cheiro a morte e a nicotina. O motorista, nu da cintura para cima e completamente molhado, tal era o efeito de estufa no autocarro, enxugou o suor da testa e gritou:

— Então, filho? Vens?

— Vou — respondi. E entrei.

Lá dentro, não havia qualquer lugar livre. O autocarro estava lotado por uma clientela estremunhada e apática. Havia mulheres de sutiã e calças de fato de treino, com maquilhagem reluzente

e unhas postiças compridas, havia homens com bolsas a tiracolo e tatuagens, também com calças desportivas e ténis chineses, e havia crianças de fato de treino, com bonés de beisebol na cabeça, e bastões e soqueiras nas mãos. E todos dormiam, ou tentavam dormir, pelo que ninguém ligou à minha presença. Pelo autocarro fora, irrompia música indiana, e crepitava como um bando de colibris a esvoaçar, a tentar escapular-se daquele doce forno a gásóleo. Mas a música não incomodava ninguém. Andei até ao fim do corredor do autocarro, à procura de um qualquer lugar livre, mas não encontrei e, então, voltei para ao pé do motorista. O vidro lateral estava completamente coberto de ícones ortodoxos e de outros itens religiosos coloridos, o que, obviamente, impedia que o veículo se desmoronasse. Havia também ursinhos de peluche pendurados, esqueletos de barro com costelas partidas, colares feitos de cabeças de galo e galhardetes do Manchester United. Colados ao vidro, havia fotografias pornográficas, retratos de Estaline e imagens rasgadas de São Francisco. No painel em frente ao motorista, havia mapas de viagem e várias revistas *Hustler*, com as quais ele matava as moscas na cabina. Também havia lanternas, facas com vestígios de sangue, maças com minhocas e pequenos ícones de madeira com rostos de grandes mártires esculpados. O motorista suspirou, segurando o volante com uma das mãos e uma grande garrafa de água com a outra.

— Então, filho, está tudo ocupado? — perguntou.

— Sim.

— Fica aqui comigo, senão também adormeço. Eles estão bem, adormeceram, estão a descansar. E eu sou o responsável.

— Responsável pelo quê?

— Pela mercadoria, filho, pela mercadoria — explicou-me, como se eu fosse um seu parente próximo.

E revelou coisas tristes. Eram comerciantes do Donbas, famílias inteiras de pequenos comerciantes. Dois dias antes, eles

carregaram mercadorias em Kharkiv: fatos de treino, ténis chineses e outras porcarias. Depois disso, queriam ir para casa, mas, antes de terem tempo de sair da cidade, o autocarro avariou irremediavelmente, «problemas com o chassis, filho, problemas com o chassis», a última vez que tinha sido arranjado fora antes das Olimpíadas de Moscovo! Na primeira noite, dormiram na estrada. O motorista rastejava como uma cobra, entre as rodas, a tentar arranjar o autocarro, enquanto os pequenos comerciantes montaram um acampamento, acenderam fogueiras e cantaram ao som da viola até de madrugada. Até se divertiram. Pela manhã, o motorista foi até à aldeia mais próxima e trouxe de lá uns agricultores com um trator. Os agricultores rebocaram-nos até ao depósito da estação ferroviária. Passaram o dia seguinte e mais uma noite ali. Os comerciantes permaneciam teimosamente acordados, guardando as mercadorias e cantando ao som da viola, apenas uma vez correram até à estação para comprar bebida e cordas novas. O motorista arranjou o chassis, voltou a carregar os comerciantes da melhor maneira que pôde e continuou a amarga jornada de retorno à rochosa terra-mãe mineira. Tendo-se deparado com uma multidão perto da ponte, não se atrapalhou, fez um desvio considerável, por vários atalhos, por velhas alvenarias, conseguiu atravessar para a margem esquerda. E agora, segundo ele, nada o poderia deter.

O autocarro, a tossir e aos solavancos, subia agora uma colina. À frente, havia um amplo vale ensolarado, com campos de milho verdes e relevos dourados. O motorista avançou sem hesitar. Depois, desligou o motor e relaxou. O autocarro começou então a deslizar, como uma avalanche de neve a desabar provocada por gritos descuidados de turistas japoneses. O vento assobiava, arranhava a carroçaria quente do autocarro, os insetos batiam contra o para-brisas como gotas de chuva de maio, e nós voávamos por ali abaixo, ganhando velocidade, envolvidos pelas vozes

de cantores indianos que anunciavam uma alegria prolongada e uma morte indolor. Depois de rolar até o fundo do vale, o autocarro saltou por inércia na primeira lomba e, naquele momento, o motorista tentou voltar a ligar o motor. O *Ikarus* estremeceu, ouviu-se um barulho agudo, de ferro contra ferro, e depois parou. O motorista ficou desesperadamente calado. Eu sentia-me desconfortável em perguntar-lhe pelo que estava a acontecer. Finalmente, ele apoiou a cabeça no volante e ficou imóvel, apenas os ombros estremeciam de vez em quando. No início, pensei que estava a chorar, e até era comovente, à sua maneira. No entanto, depois de observar melhor, percebi que estava a ter um sonho, estava a dormir. Todos os passageiros do fantasma *Ikarus* estavam a dormir. Ninguém se preocupava em proteger a mercadoria. Olhei lá para fora pela janela. O vento tocava levemente o milho tenro, o silêncio reinava por todo aquele espaço, e o sol tinha corroído o vale como uma mancha de graxa numa tela. De repente, senti alguém a tocar na minha mão. Olhei em volta. Na extremidade do corredor, havia umas cortinas castanho-escuras penduradas, notava-se que não eram lavadas há muito tempo. Eu pensava que atrás daquelas cortinas não havia mais nada além de chapa, uma janela ou algo parecido. Mas eis que uma mão se estendeu de lá e, agarrando-me, puxou-me precipitadamente lá para dentro. Avancei e, atravessando a entrada invisível, fui dar comigo numa pequena sala. Era uma espécie de zona de *chillout*, um lugar de meditação e de amor, uma cela habitada por espíritos e sombras. As paredes da pequena sala estavam decoradas com tapetes sintéticos chineses, com estranhos ornamentos e imagens, nos quais estavam representadas cenas de caça a veados, rituais de chá e saudações dos pioneiros de Pequim ao camarada Mao. Por baixo de todo aquele cenário, havia dois pequenos sofás, nos quais estavam sentadas quatro pessoas, três homens e uma mulher, de tez escura. Os homens

traziam cuecas brancas e a mulher estava de roupa interior desportiva cinzenta. Ao pescoço, a mulher usava pesados colares de caveiras, no cabelo, em vez de um gancho, tinha uma espécie de abre-cartas, e no colo tinha uma garrafa térmica. Os seus olhos brilhavam predatoriamente no lusco-fusco, dando-lhes um tom âmbar-amarelado. A mulher olhou-me diretamente nos olhos e, sem largar as minhas mãos, perguntou:

— Quem és tu?

— E tu, quem és? — ripostei, sentindo o calor da palma da mão dela e o peso dos seus anéis de prata nos dedos.

— Eu sou a Carolina — disse ela, e de repente afastou a sua mão da minha.

Um dos homens sussurrou qualquer coisa ao ouvido do outro, a olhar para mim. Com isto, o outro soltou alguns risinhos.

— Estás a ir para onde? — perguntou a Carolina novamente, a olhar para mim na penumbra.

— Para casa — respondi.

— E quem é que está lá à tua espera? — Puxou a faca do penteado e o cabelo grosso soltou-se, escondendo-lhe os olhos.

— Ninguém.

A Carolina soltou uma gargalhada e continuou:

— Para quê ir para um sítio onde ninguém te espera? — perguntou, tirando uma romã sabe-se lá de onde e cortando-a ao meio.

— Que diferença é que isso faz? — Não entendi. — Simplesmente, há muito tempo que não vou lá.

— Toma. — Ela deu-me metade da romã. — Mas o que é que vais lá fazer, se ninguém está à tua espera?

— Vou lá só por pouco tempo. Amanhã, venho-me embora.

— Tens assim tanto medo de voltar para lá?

Carolina deu outra gargalhada ao mesmo tempo que chupava a sua metade da romã.

— De onde é que tiraste essa ideia?

— Então, ainda nem chegaste e já falas em voltar. Parece que estás com medo.

— Tenho assuntos a tratar — expliquei-lhe. — Não posso ficar lá mais tempo.

— Podias — disse ela —, se quisesses.

— Não — repeti, contrariado —, não posso.

— Acho que estás a fugir tão depressa porque te esqueceste de tudo o que te aconteceu. Quando te lembrares, não será assim tão fácil sair de lá. Toma.

Deu-me uma caneca, na qual serviu um pouco do que tinha na garrafa térmica. A bebida cheirava a canela e a valeriana. Provei. Era ácida e picante. Bebi tudo e fiquei imediatamente de rastos.

*

O aeródromo estava rodeado de campos de trigo. As vespas pairavam sedutoramente ao redor das flores venenosas e brilhantes que ali cresciam, perto da pista de descolagem, parecendo que planavam sobre cadáveres. De manhã, o sol aquecia o asfalto, secando as ervas que atravessavam as lajes de cimento. Ao lado, por cima da cabina de controlo, as bandeiras adejavam ao vento. Atrás do prédio da administração, a luz afiada da manhã projetava-se nas árvores entrelaçadas com teias de aranha. Nos campos de trigo, havia estranhas e furtivas correntes de ar, assim como animais que todas as noites saíam da escuridão atraídos pela luz verde da cabina de controlo. De manhã, voltavam a vaguear por entre os caules, escondendo-se do escaldante sol de junho. À medida que ia aquecendo, o alcatrão refletia a luz do sol, cegando os pássaros que sobrevoavam a pista. Perto da vedação, havia camiões-cisterna de transporte de gasolina, alguns tratores, e garagens escuras e vazias, de onde docemente

gotejavam água estagnada e gordura. Passado algum tempo, apareceram mecânicos que vestiam macacões pretos e esburacados, e começaram a tratar dos seus carros. O céu do início de junho pairava sobre o aeródromo, desdobrando-se ao vento como lençóis recém-lavados a subir e descer, a tocar no asfalto. Naquele momento, por volta das oito horas, ressoou o grunhido cansado de um motor que, gradualmente, entrou e saiu das profundezas atmosféricas. O avião em si ainda não era visível à frente do sol, mas a sua sombra já avançava pelos campos de trigo, assustando pássaros e raposas. O aparelho cortava a superfície do céu como porcelana e, para aterrar com segurança, o bom e velho AN-2, o matador de milho, o orgulho da aviação soviética, voava magistralmente por cima das cabeças rapadas dos mecânicos. E assim, ensurdecendo a manhã com o seu motor antediluviano, virava do avesso a pacata cidade, acordando-a de um leve e fantasmagórico sono de verão. Os pilotos olhavam para as terras agrícolas, para os campos densamente regados com mel ensolarado, para o verde fresco das ravinas e dos caminhos de ferro, para o dourado da areia do rio e para as suas férteis margens prateadas.

A cidade, com as suas saídas de fumo de fábrica e os seus caminhos de ferro, ficou para trás. O avião preparava-se para aterrar, a luz inundava a cabina e brilhava friamente no metal.

A aeronave chegou à pista e balançou as rodas acanhadas no asfalto rachado até parar. Os pilotos saltaram para o solo e ajudaram os transportadores a retirar as grandes sacolas de lona com jornais regionais e republicanos, cartas e pacotes de embrulho, e, após descarregarem tudo, dirigiram-se aos prédios, deixando o avião a aquecer-se ao sol.

Eu e os meus amigos morávamos do outro lado dos campos de trigo, nos subúrbios, em casas de painéis brancos cercadas de pinheiros altos. À noite, saíamos do bairro, andávamos pelo trigo, escondíamos-nos dos carros que iam passando, corríamos ao

longo da cerca, deitávamo-nos na erva empoeirada e ficávamos a olhar para as aeronaves. O AN-2, com a sua fuselagem toda em metal e coberturas de lona nas asas, parecia-nos uma máquina sobrenatural, usada por demónios, para voar e queimar o céu que nos cobre com gasolina e chumbo. Os mensageiros dos deuses sentaram-se lá dentro, uma poderosa hélice partiu o gelo do céu e levou para o outro mundo uma penugem de álamo. Só quando já se fazia noite voltávamos para casa, a mastigar espigas de trigo e a sonhar com a aeronáutica. Todos queríamos tornar-nos pilotos, mas quase todos nos tornámos grandes falhados.

De vez em quando, dou por mim a sonhar com aviadores. De cada vez que fazem uma aterragem de emergência, alguns no meio dos campos de trigo, os aviões embatem com força no trigo grosso, o revestimento da lona racha no fim de dia avermelhado, os talos de trigo emaranham-se nas rodas de aterragem e a aeronave afunda com força no terreno negro e ressequido. Os pilotos caem dos habitáculos em chamas, mandam-se para o trigo, que imediatamente se enrola nas suas pernas, levantam-se e tentam avistar algo no horizonte. Mas nada há no horizonte além de campos de trigo, que se estendem infinitamente e dos quais é impossível escapar. Os aviadores largam as suas aeronaves, que vão arrefecendo aos poucos sob o crepúsculo, e seguem rumo a oeste, atrás do Sol que desaparece rapidamente. As hastes são altas e impenetráveis, os pilotos lutam para abrir caminho, tentam atravessar a parede invisível à sua frente, mas não têm qualquer hipótese. Usam capacetes de couro com óculos de proteção, calçam luvas pesadas e têm os paraquedas abertos que se estendem atrás deles. Por um qualquer motivo, não querem desengatar os paraquedas, por isso estes vão a arrastar atrás deles como longas e pesadas caudas de crocodilo.

*

Acordei com o som harmonioso do motor a trabalhar. Os três mouros dormiam nos sofás ao meu lado, mas a Carolina já lá não estava. Espreitei para o habitáculo. Já parecia bem tarde, à direita, do lado de fora da janela, o Sol do fim do dia transudava raios vermelhos. *Que horas serão?*, perguntava a mim próprio. Aproximei-me de um dos comerciantes que dormiam tranquilamente, peguei-lhe no braço e olhei para o relógio. Dez e meia. *Fogo...!*, pensei, *dormi de mais*. E fui até ao pé do motorista. Este cumprimentou-me como a um velho amigo, embora sem tirar os olhos da estrada. Olhei para lá da janela. Devia aparecer uma curva em breve, e logo depois, se seguíssemos em frente, dali a poucos quilómetros, estaria exatamente onde precisava. Mas o motorista reduziu a velocidade na curva.

— Então, como é que é, mano? — Puxei a conversa. — Será que me podias deixar ali no posto de gasolina? É a um ou dois quilómetros daqui.

— Aquele lá de cima? — perguntou ele.

— A-hã!

— Ao pé da torre?

— Sim.

— Não — disse ele. — Vamos virar aqui.

— Espera. — Tentei negociar. — O meu irmão tem uma oficina, ele podia tratar do problema do chassis. Ficava como novo.

— Olha, filho — disse o condutor convincente e inabalavelmente —, ali fica a cidade e nós não podemos ir até à cidade. Transportamos mercadoria!

*

Saí do autocarro. Assim que o Sol se pôs, o tempo arrefeceu. Vesti o casaco e fiz-me ao caminho. Cheguei lá em vinte minutos. Perto dali, já via as janelas do posto de gasolina, mas tinha escurecido.

Não havia luz em lado nenhum. *E onde estará o Kotcha?*, pensei. Aproximei-me do posto de gasolina. Tudo estava escuro e vazio. Havia uma fechadura na porta, mas decidi esperar. Dei a volta ao edifício. Lá atrás, no meio das ervas e dos arbustos de framboesa, estava o contentor onde o Kotcha morava, atrás do qual se avistavam vários carros velhos e todos espatifados. O contentor também estava fechado. A noite avançava, aproximei-me da cabina de um camião que estava para ali abandonada. Entrei e descalcei os ténis. A Lua pairava por cima de mim. A estrada estava a ficar cada vez mais fria, perdendo o calor a partir das bermas. Mesmo à minha frente, no vale, estava a cidade onde nasci e cresci. Peguei na mochila, pu-la debaixo da cabeça e adormeci.

Prudente e cauteloso, um cão escuro, de uma cor lamacenta, rastejou pela erva alta, reclinando a coluna, para que ninguém desse por ele. Aproximou-se silenciosamente, desenrolando os caules com as patas lutadoras e bloqueando com o próprio corpo o sol da manhã. Os raios matutinos douravam-lhe o crânio com olhos de vidro, nos quais já se refletia a minha silhueta. Deu um passo ágil, depois, outro, congelou por um momento e, lentamente, estendeu a pata para mim, como uma lança. Os seus olhos soltaram um brilho faminto e a erva atrás dele fechou-se numa onda esmeralda, escondendo um coágulo sangrento de sol. Instintivamente, empurrei a mão para a frente, reagindo, durante o sono, ao movimento dele.

— Hera, amigalhaço!

Empurrei o ferro forjado com os pés, para me levantar.

— Hera! Amigo! Vieste! — O Kotcha avançou, queria agarrar-me, agitando os braços longos e finos, e torcendo a cabeça careca, mas não se conseguiu espremer pelo vidro partido da cabina, limitou-se a olhar de longe, com os grandes óculos, contra o Sol que já havia nascido, ajustando-se à altura necessária. — Afinal, que fazes tu aqui deitado? — grunhiu, esticando as patas na minha direção. — Amigalhaço!

Tentei levantar-me, mas o corpo não reagia, depois de passar tanto tempo naquela posição a dormir no assento duro. Levantei as pernas, inclinei-me e fui cair mesmo nos braços do Kotcha.

– Amigo! – Parecia estar realmente feliz por me ver.

– Olá, Kotcha – respondi, e apertámos a mão direita um do outro por muito tempo, dando pancadinhas nas costas e nos ombros, enfim, mostrando de todas as maneiras como foi bom ter passado a noite toda enfiado na cabina de um camião e, depois disso, ser acordado por ele às seis da manhã.

– Chegaste há muito tempo? – perguntou o Kotcha depois de a primeira onda de alegria ter passado, mas ainda sem largar a minha mão.

– Ontem à noite – respondi, tentando libertar-me e, finalmente, calçar os sapatos.

– Porque é que não ligaste? – O Kotcha não parecia querer largar a minha mão.

– Kotcha, seu sacana. – Por fim, libertei-me, mas agora não sabia onde pôr a mão. – Há dois dias que te ando a ligar. Porque é que não atendes o telefone?

– Telefonaste quando? – perguntou.

– Durante o dia. – E lá consegui tirar os ténis de dentro da cabina.

– Pois, devia estar a dormir – respondeu. – Tenho tido problemas para adormecer nos últimos dias. Durmo durante o dia e venho trabalhar à noite. Mas não há clientes à noite. – Estava inquieto, como se estivesse a balançar de um pé para o outro, e depois puxou-me. – E o pior é que o nosso telefone também não funciona, foi bloqueado por falta de pagamento. Fui ontem à cidade, agora estou de volta. Anda, vou mostrar-te tudo.

*

O Kotcha foi em frente. Eu segui-o. Passou por um «Moscovita» avariado, com rodas calcinadas, por uma montanha de ferro, por montes de peças de aviões, frigoríficos e fogões a gás, e seguiu até ao posto de gasolina. O posto de gasolina ficava a uns cem metros da estrada que seguia para norte. A estrada passava mesmo pela cidade, mais abaixo, a dois quilómetros dali, num vale cálido. A sul, depois dos últimos bairros da cidade, atrás do território das fábricas, começavam os campos, que terminavam no outro lado do vale. A norte, a cidade era cercada por um rio que fluía do território russo em direção ao Donbas. A margem esquerda era afável, mas, por outro lado, ao longo da margem direita estendiam-se altas montanhas calcárias cujos topos estavam cobertos de absinto e de arbustos espinhosos. Na montanha mais alta que emergia da cidade, havia uma torre de televisão, visível de qualquer ponto do vale. E, ao lado da torre, na colina ali próxima, havia um posto de gasolina que fora construído num qualquer momento na década de setenta. Nessa altura, abriram um terminal petrolífero na cidade, e com ele surgiram dois postos de gasolina, um na saída sul da cidade e outro na saída norte. Nos anos noventa, o terminal foi à falência, assim como um dos postos de gasolina. Só este, na estrada de Kharkiv, se manteve a funcionar até então. O meu irmão conseguiu orientar-se e assumiu o negócio no início dos anos noventa, estava o terminal já a dar as últimas. O posto de abastecimento em si não parecia dos melhores, com apenas quatro bombas antigas, um cubículo com uma caixa registadora e um mastro vazio no qual alguém poderia ser enforcado, se quisesse. Havia também um armazém frigorífico atolado de ferro. Ou seja, o meu irmão não investia dinheiro no desenvolvimento de infraestruturas, mas, em vez disso, apostava na melhoria dos serviços, recolhendo de todo o lado vários dispositivos e engenhos com os quais podia reparar qualquer coisa. Ele próprio morava na cidade, subia até ali todas

as manhãs e voltava a descer o vale ao fim do dia. Com ele trabalhava uma equipa frenética: o Kotcha e o Shura Lesionado: mecânicos sagazes que salvaram a vida a bem mais do que um camião, algo de que se orgulhavam muito. O Shura, mais conhecido por Lesionado, também vivia algures na cidade, enquanto o Kotcha, que havia sido privado do seu próprio apartamento, vivia no posto de gasolina, passando a noite num contentor de construção equipado de acordo com todos os requisitos do feng shui. Ao redor do posto de gasolina, fora instalada uma área alcatroada com uma fossa de reparação e, ao longe, sob as tílias, havia várias mesas de ferro semienterradas no solo. Atrás do posto, ravinas e pomares de macieiras estendiam-se ao longo das montanhas calcárias, e a norte abria-se a estepe, de onde, de vez em quando, saíam barulhentas máquinas agrícolas. Atrás do contentor, formou-se um depósito de máquinas mutiladas, restos de carros desmontados em pedaços e montes de pneus empilhados. Ao lado, entre os arbustos de framboesa, estava a cabina de um camião, através da qual se vislumbrava um panorama do vale ensolarado e da cidade indefesa. E assim, quando assumiu aquele negócio, o meu irmão sabia muito bem que não se tratava de uma questão de infraestruturas ou de antigos postos de gasolina. Era uma questão de localização e foi por isso que escolheu aquele posto de gasolina em particular. Acontece que o lugar mais próximo onde havia gasolina ficava setenta quilómetros para norte. Além disso, o local em si ficava num percurso com rotas duvidosas, sem autoridade em cima e com uma população parca e pacata. Ao que parece, a partir dali e até ao Norte nem sequer havia cobertura de rede. Os motoristas sabiam-no e tentavam abastecer sempre ali, no meu irmão. Além disso, o Shura Lesionado trabalhava lá e era considerado o melhor mecânico daquelas bandas, o «deus» dos eixos de transmissão e das caixas de mudanças manuais. Por outras palavras, tinha umas mãos de ouro.

*

Ao pé da estância de tijolos, perto da bomba de gasolina, havia dois assentos de automóvel, para ali levados para fazer uma espécie de zona de descanso. Os assentos estavam cobertos de peles pretas de animais, mas que tipo de animais, não sei dizer. As molas, salientes, projetavam-se em diferentes direções, e havia uma espécie de estranha alavanca presa a um dos assentos. É bem possível que fosse uma catapulta. O Kotcha caiu, cansado, na cadeira com a catapulta, sacou de um cigarro sem filtro e acendeu-o, fazendo-me um gesto com a mão, como se dissesse: «Senta-te aqui ao meu lado, amigão.» Assim fiz. O sol aquecia-nos como a pedras numa encosta e o céu azul parecia uma tela ao vento. Domingo, fim de maio, era realmente a melhor altura para sair dali para fora.

— Vais cá ficar por algum tempo? — perguntou o Kotcha, soltando um assobio enquanto falava.

— Vou-me embora logo à noite — respondi.

— Porquê tão depressa? Fica cá por uns dias. Vamos à pesca.

— Kotcha, onde é que está o meu irmão?

— Então, mas eu já te disse. Em Amesterdão.

— E porque é que ele não me disse que ia?

— Hera, eu não sei. Ele não fez grandes preparativos para ir. Pegou nas coisas e foi-se embora. E disse que não ia voltar.

— Mas o quê? Ele tinha problemas com os negócios?

— Quais problemas, Herman? — O Kotcha exaltou-se. — Aqui não há problemas, nem negócio. É assim, só há lágrimas. Tu próprio vê.

— Então e o que é que eu faço agora?

— Não sei. Faz o que tu quiseres.

O Kotcha apagou a beata e mandou-a para dentro de um balde no qual estava escrito «Proibido fumar», depois virou a cara

para o Sol e ficou em silêncio. *Raios me partam*, pensei, perguntando para comigo o que é que iria na cabeça dele nesse momento, *mas o que é que lhe vai na cabeça? Provavelmente, está a esconder alguma coisa, ali sentado, a matutar.*

*

O Kotcha tinha cerca de cinquenta anos. Para a sua idade, era animado, calvo e socialmente desalinhado. Por toda a sua careca, iam resistindo restos de uma cabeleira outrora faustosa, um pormenor da minha infância do qual me lembro bem. Geralmente, as recordações que tenho do Kotcha remontam à minha meninice. A seguir aos meus pais, vizinhos e parentes próximos, ele foi o ser vivo que melhor gravei na memória. Depois eu cresci e o Kotcha envelheceu. Morávamos em casas vizinhas, num bairro novo que estava constantemente em construção, pelo que cresci como se estivesse numa grande obra. Na cidade, não havia empresas de monta. Lá viviam essencialmente operários de pequenas fábricas das redondezas, trabalhadores ferroviários, alguma nata intelectual, professores, escriturários de departamentos administrativos, e também militares (como o meu pai, por exemplo), e, claro, os quadros do *Komsomol*, ou a juventude comunista promissora, por assim dizer. Pelo que me lembro, o Kotcha foi morar para ali mais tarde, mas parece que sempre viveu na região. Pertencia precisamente à tal juventude promissora, cresceu sem pais e, já na escola, teve problemas com os órgãos de segurança pública, tornando-se aos poucos a tormenta do bairro. Na década de setenta, o nosso «microdistrito» estava apenas a começar a ser construído, daí que a turbulenta juventude de Kotcha tenha coincidido com o desenvolvimento intensivo de toda aquela infraestrutura comunitária. O Kotcha saqueava as novas mercearias, destruía quiosques de jornais

recém-inaugurados, subia, à noite, até ao registo civil inacabado, enfim, no geral, foi acompanhando os tempos. As autoridades, tendo descoberto a sua total impotência, entregaram o Kotcha ao *Komsomol*, como fiança. Por alguma razão, o *Komsomol* decidiu que o Kotcha não era um quadro completamente perdido para a juventude comunista e começou a reforjá-lo. Para começar, foi colocado numa escola técnico-profissional. Logo na segunda semana de treino, roubou um torno e acabou por ser expulso. Continuou por um ano ou ano e meio na região, e depois alistou-se nas forças armadas. Fez serviço num batalhão encarregado de uma construção perto de Zhytomyr, mas voltou para casa com tatuagens das Tropas Aerotransportadas. Foi esse o seu momento áureo. O Kotcha começou a andar de uniforme pelo bairro, a bater em todos aqueles que não conhecia. Nós, os rapazes do bairro, admirávamos o Kotcha, ele era para nós um perfeito mau exemplo.

O *Komsomol* fez uma última tentativa patética de lutar pela alma do Kotcha e deu-lhe um apartamento de uma assoalhada num prédio vizinho ao nosso. Mal o Kotcha entrou, montou um ninho de libertinagem lá em casa. Todos os jovens progressistas do bairro passaram pelo apartamento no início dos anos oitenta. Ali, os miúdos ganhavam coragem e as miúdas ganhavam experiência. O Kotcha começou a beber cada vez mais. Bebia tanto que nem se apercebeu do colapso do país. No final dos anos oitenta, quando um assassino em série apareceu na cidade, as autoridades e as agências de aplicação da lei suspeitaram dele. Porém, não se atreveram a prendê-lo, porque simplesmente estavam apavorados. Os vizinhos também estavam convencidos de que era o Kotcha quem violava as trabalhadoras da fábrica de laticínios nas noites estreladas e perfumadas, e que depois as empalava com objetos metálicos pontiagudos. Os homens respeitavam-no por isso e as mulheres gostavam dele. No início dos anos noventa,

quando o *Komsomol* deixou de existir, as autoridades tiveram de voltar a resolver o problema com as próprias mãos. Certa vez, depois de uma longa diversão, o Kotcha ateou fogo ao cartaz da recém-formada pareceria conjunta, o que acabou por ser a última gota de água para a paciência da vizinhança. Foram buscá-lo ao apartamento. Na altura, organizou-se uma pequena manifestação na rua. Nós, rapazolas já crescidos, manifestámo-nos a favor do Kotcha, mas ninguém nos deu ouvidos. Apanhou um ano de prisão e cumpriu a pena algures no Donbas, onde se reuniu com alguns mórmones da região. Eles deram ao Kotcha a sua literatura, bem como, a seu pedido, água de Colónia e cigarros. Passado um ano, recuperou-se e voltou para casa como um herói. Ao fim de algum tempo, os mórmones vieram salvar-lhe a alma. Eram três jovens ativistas, com fatos baratos mas elegantes. O Kotcha deixou-os entrar, ouviu-os, tirou uma espingarda do sofá e levou os mórmones para a casa de banho. Manteve-os por lá dois dias. Ao terceiro dia, decidiu tomar banho e, ao abrir a porta de forma imprudente, os mórmones fugiram. Depois de chegarem à polícia, tentaram prestar depoimento, mas os agentes tomaram a decisão deliberada de que seria mais fácil isolar os mórmones e trancaram-nos numa cela, para assim tentarem descobrir as suas identidades. Nos anos que se seguiram, o Kotcha tentou, em vão, recompor-se, divorciou-se três vezes, todas elas da mesma mulher. Mas, realmente, a sua vida pessoal foi um fracasso, e o Kotcha foi perdendo cada vez mais traços da sua juventude. Até que esta se dissipou por completo, no final dos anos noventa, altura em que deu entrada no hospital com um dedo mordido e com um hematoma no estômago. Durante uma discussão, a mulher arrancara-lhe um dedo à dentada, mas o Kotcha nunca confessou quem lhe deu o soco no estômago. Foi mais ou menos por essa altura que o meu irmão lhe começou a dar apoio. Uma vez por outra, dava-lhe trabalho e algum dinheiro, e ajudava-o no

que podia. Entre ele e o Kotcha havia qualquer coisa, algum tipo de história na sua vida passada. O meu irmão insinuara-o algumas vezes, mas nunca quis contar em pormenor, apenas disse que o Kotcha era de confiança e que não nos decepcionaria. Havia alguns anos, o Kotcha fora expulso do apartamento por ciganos e mudara-se para o posto de gasolina. Desde então, morava num contentor das obras, levava uma vida calma e comedida, recordava o passado com saudade, embora não quisesse voltar para o apartamento. Tinha um ar ríspido, a careca tinha um tom rosa-claro e os óculos davam-lhe um aspeto de químico maluco que acabara de inventar uma cocaína alternativa e ecologicamente adaptada, a qual tinha experimentado em si próprio. Essas experiências até tinham um aparente resultado positivo. Ele usava um macacão laranja e umas botas militares todas esfarrapadas. Regra geral, tinha montes de artigos militares em segunda mão. Até tinha meias do exército importadas, a da direita tinha «R» escrito, e a da esquerda tinha «L», para que não as confundisse. Tinha os pulsos envoltos em lenços e em ligaduras ensanguentadas, a cara e as mãos andavam constantemente arranhadas ou cortadas, dando-lhe uma aparência geral de quem acabara de comer pizza com as mãos.

*

E agora ali estava ele, a apanhar sol e a dizer coisas pouco convincentes.

— Então está bem — disse-lhe eu. — Não queres dizer nada, não digas. E quem tratava da vossa contabilidade?

— Contabilidade? — O Kotcha esbugalhou os olhos. — Para que é que precisas da contabilidade?

— Quero saber quanta massa é que têm.

— Ah, pois é, Hera. Ah! Ah! Ah! Temos massa como o caraças!
— riu o Kotcha, com nervosismo. E acrescentou: — Olha, precisas

de falar com a Olga. O Yura, o teu irmão, trabalhava com ela. Ela tem um escritório de contabilidade na cidade.

— E quem é essa Olga? A gaja dele?

— Qual gaja, qual carapuça?! — ripostou o Kotcha. E acrescentou: — O Yura e ela tinham negócios.

— E onde é o escritório dela?

— Porquê? Não me digas que vais lá agora mesmo!

— Não, vou ficar aqui espedado a olhar para ti.

— Mas hoje é domingo, Hera, amigalhaço, ninguém trabalha.

— E amanhã?

— Amanhã o quê?

— Amanhã, ela trabalha?

— Não sei. Talvez.

— OK, Kotcha, vai lá tratar dos clientes — disse eu, a olhar para a estrada deserta —, que eu quero dormir.

— Vai para o contentor e dorme lá — retorquiu o Kotcha.

*

A luz era filtrada pela cortina, enchendo o ambiente de manchas e poeira cintilante do sol. Riscos quentes estendiam-se pelo chão, como farinha espalhada. Em cima da porta, haviam sido fixadas algumas persianas improvisadas, feitas à mão com rolos de fita velha. Era, com certeza, obra do Kotcha, e provavelmente tinha dedicado imenso tempo a fazer aquilo. Entrei sem fechar a porta e olhei em redor. As correntes de ar tocavam nas fitas, que farfalhavam levemente, como folhas de milho. Havia dois sofás amassados encostados à parede, à direita havia uma cozinha com um fogão, um frigorífico velho e vários utensílios pendurados nas paredes, e à esquerda, ao canto, uma escrivaninha coberta de lixo suspeito, sobre o qual não me apetecia indagar. Mas o que mais me impressionou foi o cheiro estranho. Estava convencido

de que o quarto onde morava o amigo Kotcha devia cheirar mal. A quê, não sei, mas a qualquer coisa como sangue, esperma, gasolina ou algo do género. Mas, afinal, o contentor cheirava a vida de homem bem arranjado, um cheiro bastante estranho, sempre presente em apartamentos onde moram viúvos, mas, quer dizer, viúvos que estão satisfeitos consigo mesmos, viúvos que estão de bem com a sua autoestima. *E aqui o Kotcha, pelos vistos, estava muito bem com a sua autoestima*, pensei ao cair no sofá, que me pareceu menos mole e mais aconchegante. Caí, descalcei os ténis e, de repente, senti a tontura de toda aquela odisseia, as deslocações, as paragens, os companheiros de viagem, lembrei-me da Carolina e da sua bebida doce, do céu negro por cima dos matagais de framboesas e da sensação do ferro sobre o qual dormi. Toda aquela manhã, de uma qualquer e estranha forma, não podia mesmo dar em nada de jeito. Era como se alguma coisa não tivesse funcionado bem nos mecanismos pelos quais eu era guiado. Havia qualquer coisa. Era como se estivesse numa sala espaçosa, para dentro da qual tinham sido lançadas algumas pessoas que não conhecia, e depois tivesse apagado a luz. E embora a sala me fosse familiar, fiquei alarmado com a presença daqueles estranhos, ali parados em silêncio, como se me escondessem alguma coisa. OK, pensei, já quase a adormecer, *seja como for, posso sempre ir para casa*.

A parede por cima do sofá estava coberta de fotografias, de recortes de revistas e de imagens coloridas. O Kotcha, tal como fazem os maníacos, tinha colado na parede fragmentos de rostos, contornos de corpos, multidões rasgadas, das quais se projetavam os olhos e a boca de alguém. Eram colagens alegres, como se fossem fragmentos de histórias diferentes coladas umas sobre as outras em diferentes intervalos de tempo, recortes de publicações aleatórias em papel. Entre os recortes, distinguiam-se rótulos de bebidas alcoólicas e folhetos políticos, fotografias de revistas

de moda, cartões pornográficos a preto-e-branco, calendários de futebol e a carta de condução de alguém. À distância, avistava-se um padrão quimérico a partir de tudo aquilo, como se aquele papel de parede fotográfico tivesse sido colado por alguém com o máximo de zelo e rigor. De perto, muitos detalhes chamavam a atenção, desde o papel amarelado de recortes de jornais aos olhos arrancados a manequins, à cola recém-vertida, às gotas vermelho-escuras de doce de morango, e até a um espesso verniz das unhas. E tudo aquilo estava ligado por um fundo comum, um barro verde-alface com rabiscos: pequenas letras, sinais, linhas tracejadas e respingos coloridos. Olhei atentamente para lá durante algum tempo, mas não conseguia entender qual era o problema. Entretanto, peguei no retrato do Kotcha na tropa e, com o dedo, puxei-o e acabei por arrancá-lo. Debaixo da fotografia estava a letra «S» maiúscula. Era um mapa. Provavelmente, da União Soviética e, muito provavelmente, geográfico: a argila eram os Cárpatos, o Cáucaso e a Mongólia, a parte verde-clara eram a taiga e a planície do Cáspio, e onde a argila endurecera, adquirindo uma secura calcária, talvez houvesse desertos. O oceano Pacífico era azul-escuro, o Mar do Norte era azul-micáceo. Uma mulher nua com a cabeça decepada estava pendurada no sítio do Polo Norte. Parecia quase o círculo dos jovens historiadores locais. Fiquei em silêncio.

*

Acordei com as vozes de alguém que, só pelo modo como soavam, de imediato me causaram desagrado. Saltei do sofá de rompante e saí para a rua. As vozes repercutiam-se, vindas do posto de gasolina, várias pessoas a gritar ao mesmo tempo, mas apenas reconheci a voz assustada do Kotcha.

Perto da guarita da caixa, refastelados nos assentos das cadeiras, estavam dois tipos de *blazers* e calças de ganga. Um deles

PRÉMIO JAN MICHALSKI DE LITERATURA

Herman, jovem publicitário, recebe uma misteriosa chamada acerca do desaparecimento do seu irmão, dono de um posto de gasolina em Lugansk, antiga Voroshilovgrad, na região do Donbas. Após longos anos de ausência, Herman não tem alternativa senão regressar à sua cidade natal, empreendendo uma viagem por uma paisagem industrial transformada num cenário tão real quanto imaginário onde o desejo de liberdade reina supremo; um faroeste de violência e corrupção povoado por criminosos e personagens perdidas na História, que mudará o curso e o sentido da sua vida.

Verdadeira epopeia delirante da herança soviética, aliando realismo mágico e romance de estrada, escrito numa linguagem poética e vigorosa, *A Estrada do Donbas* é um dos mais reconhecidos títulos de Serhij Zhadan, destacada figura literária e artística da contracultura da Ucrânia.

«Há algo de profundamente mitológico neste romance.»

TIMES LITERARY SUPPLEMENT

«Zhadan criou uma autêntica poética da devastação pós-soviética.»

LOS ANGELES REVIEW OF BOOKS



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[f elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[i penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-583-249-1



9 789895 832491